

# humanitas

**Vol. LXVII  
2015**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Os que se dedicam às ciências da linguagem reconhecem que é um domínio em que prevalecem as hipóteses. Nalgumas áreas, raramente se encontram provas definitivas das hipóteses. Tal é o caso do estudo etimológico, em que é costume favorecer as hipóteses mais plausíveis. O presente *Dicionário* apresenta hipóteses, tanto que em vários casos o Autor dá duas ou três etimologias diferentes. Infelizmente, não raramente as etimologias que propõe não são plausíveis, nem pela forma nem pelo significado.

É uma vergonha que este livro tenha sido editado e é especialmente vergonhoso que a edição seja da prestigiosa Imprensa Nacional-Casa da Moeda – não por causa da atitude negativa do Autor em relação à influência das línguas clássicas, mas antes por causa do baixíssimo nível científico e informativo. Quem tenha recomendado a edição, não prestou bom serviço à cultura portuguesa: para promover o conhecimento da língua árabe e da sua contribuição ao léxico do português, não bastam o entusiasmo e as afirmações vazias.

BRIAN FRANKLIN HEAD<sup>1</sup>

Emeritus professor, University of Albany

bfh122333@gmail.com

[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_67\\_11](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_11)

BAÑOS BAÑOS, J. M., Del Barrio Vega, M. F., Callejas Berdonés, M. T., López Fonseca, A. (eds.) (2014), *Philologia, Vniversitas, Vita. Trabajos en honor de Tomás González Rolán*. Madrid, Escolar y Mayo Editores S.L., Madrid, 902 p.

Uma homenagem nacional, por ocasião da sua jubilação, ao Professor Tomás González Rolán é esta obra que reúne contributos de oitenta autores de diferentes Universidades de Espanha, diria mesmo de todas, ou quase todas as Universidades de Espanha. A esta homenagem se associou, com a sua participação, a *Alma Mater Coninbricensis*, onde este notável filólogo complutense ficou conhecido não apenas pela sua obra modelar – reconhecida em todo o mundo das letras clássicas e neoclássicas latinas, medievais e pré-humanistas – mas também pela sua personalidade ímpar, que alia o fulgor da inteligência à simplicidade e doçura de trato. Ao longo de seis

---

<sup>1</sup> Brian Head foi professor de língua árabe clássica na Universidade de Coimbra nos primeiros anos da década de 60.

meses, repartidos por 2010 e 2011, permaneceu na Faculdade de Letras, intervindo no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, de que se tornou Conselho Internacional.

Abre este elegante e volumoso livro o texto de apresentação de “Tomás González Rolán: un filólogo complutense” (p. 15-36). O seu percurso académico e pessoal cruzam-se, desde que, pelo casamento, se une à colega da Secção de Clássicas-Sub-secção de Filologia Latina, Pilar Saquero Suárez-Somonte, com quem vai partilhar “sonhos, filologia e universidade”. E muitos dos seus livros, designadamente de edição de textos e de crítica textual são elaborados em parceria com a sua brilhante esposa.

Os campos em que se estende o seu vasto e diversificado *curriculum* estão patentes na amplíssima relação das suas publicações, ordenadas por ordem alfabética, que encerra este capítulo (p. 28-35): “Publicaciones de Tomás González Rolán (1963-2014), a que se associam as “Tesis Doctorales Dirigidas” (p. 35-36). Se é impossível comentar, com o pormenor que merecem, a riqueza e o alcance dos contributos que o Ilustre Medievalista trouxe à Filologia Latina, estes podem sintetizar-se em três linhas fundamentais: «la lingüística latina, a crítica textual y, sobre el fundamento muchas veces de la edición crítica de relevantes textos (pré)humanistas, el análisis de la recepción de la cultura y de los autores clásicos en el medioevo hispánico y, muy singularmente, en la Castilla del siglo XV».

A abrangência temporal, que vai desde a Antiguidade Clássica – e sua recepção na Idade Média e Renascimento – até à actualidade, e a variedade temática dos muitos artigos que compõem esta Miscelânea, merecem uma sucinta referência, como mera orientação de leitura. Virgílio é tratado por vários autores (p. 37-43; p. 115-126; p. 263-274); Estrabão, traduzido para Latim por Guarino de Verona, é fonte de obra geográfica de Rodrigo Sánchez de Arévalo (45-52); outros artigos se debruçam sobre Rodrigo Sánchez Arévalo (p. 505-513; p. 867-877); Latinismos nas hagiografias dos Santos Cirilo e Metódio, no antigo eslavo (p. 53-59); Comentários bíblicos veterotestamentários (61-71); a primeira tradução de Pérsio, realizada no México na primeira metade do século XVI (p. 73-82) e sobre manuscritos de Pérsio (p. 167-175); O fascínio que Tibulo exerceu nos séculos XIX-XX (83-92); As traduções renascentistas de Aftónio (p. 93-102); Questões de filologia latina: “*consilium (habere, capere, dare)*: un sustantivo hecho predicado” (p. 103-114); Fontes gramaticais latinas em mestres espanhóis do século XVI (127-135); Estudo sobre o

*Satyricon* de Petrónio (137- 144); Os mistérios órficos: a identidade de Mista, com base nas lâminas órficas de ouro dos sécs. V a. C. e III d. C. (p. 145- 153); Roma no espelho da Sibila (p.155-165); Aragonês e catalão numa gramática latina do Século XIV (p. 177-183); A lenda da Salvatio Romae (p. 185- 192); Artigos sobre Alfonso de Cartagena (p. 193-201; p. 323-330); A *Iliada* de Homero (p. 203-215); Humanistas portugueses e espanhóis e suas relações com a monarquia (p. 217- 228); *Delenda est Societatis Iesu!*: Uma paródia del himno *Veni Creator Spiritus* (p. 229-237); Os breviários de Sexto Rufo Festo e Eutrópio (século IV), nos incunábulos e pós-incunábulos nas bibliotecas de Espanha (239-249); O Latim moçarabe de Eulógio, presbítero do século IX, por Ambrosio de Morales (p. 251-261); Dois testemunhos do *Facetus*, poemas didácticos latinos (p. 275-288); Ovídio: primeiras edições em Espanha (289-302); Artigos sobre Cícero (p. 303-310; p. 665-675; p. 737-747)) Eurípides, *Heracles* (p. 311-322); As obras impressas del Tostado (p. 331-343); Os códices escurialenses de F. Patrizi (345-354); Propércio (355-366); Artigos sobre Séneca (p. 367-378; p. 579-589); A inteligência do Sósia Plautino (p. 379- 388); Os paradigmas da Idade Media e do Renascimento no estudo da tradição clássica (389-397); o *logos epitaphios* de Tucídides (p. 399-404); “Palavra solta não tem volta” (p. 405-413); Alonso de Palencia (p. 415-426); a particula latina *nam* em orações interrogativas directas (p. 427-436); A Universidade de Alcalá e Antonio de Nebrija, em finais do século XVI e começos do XVII (p. 437- 447); A obra de Frontino (p. 449-460); O rhetor grego Menandro de Laodicea, séc. III d. C. (p. 461- 473); Tácito (p. 475-482); Gracián e a *Agudeza y arte de ingenio* (p. 483-493); Nebrija e a poesia (p. 495-504); Penélope de X. M. Diaz Castro y otras Penélopes gallegas (século XX) (p. 515-523); Mito e símbolo (p. 525-532); Nomes indígenas de famílias e de divindades, em inscrições latinas do Ocidente hispânico (p. 533-541); Francisco de Salinas: música e gramática (século XVI) (p. 543-553); Guillaume de Tignonville, tradutor do *Liber Philosophorum* (século XIV) (p. 555-565); O cargo de *apostolicus et regius commisarius* de Rodrigo Fernández de Santella no reino da Sicília (1490-1495) (p. 567-578); Para uma nova apreciação de Sócrates no século XV (591- 600); Tradição clássica em relação com as Ilhas Canárias (séc. XIII) (p. 601-609); O mito da ave Fênix em textos da Antiguidade (p. 611-622); O teatro modernista polaco, fontes estéticas e ideológicas (p. 623-630); Sobre as origens do reino da Polónia (631-641); A poesia latina do jesuíta Andrés Rodríguez (p. 643-654); Celso e Vesalio (p. 655-664); Aristóteles em

Plínio (p. 677-687); *Raeda*: do latim ao castelhano (p. 689-699); Francis Bacon (p. 701-709); As *Castigationes Platonis* em ms. de origem catalã (p. 711-727); A aparente visão alheada do poeta (p. 729-735); Os ecos de Latim na Literatura castelhana renascentista (p. 749-760); Don Juan na cena contemporânea (p. 761- 772); Poesia, música e festa no Egipto helenístico (p. 773-784); Presenças latinas na poética de Arthur Rimbaud (p. 785-794); A literatura em Latim nas letras polacas medievais (séculos X-XV) (p. 795-802); A poesia religiosa no século XVII, nas Canárias (p. 803-810); Os tratados de Lope de Barrientos (séc. XV) (p. 811-818); Andrés de Laguna e Luciano, *Tragopodagra* (p.819- 830 ); Roma em Roma: de Janus Vitalis a Quevedo (p. 831-843); A vanidade da escrita: epitáfio de Lipsius (p. 845-855); A génese do cânon literário. Poemas latinos do círculo da “Fonda de S. Sebastián” (p. 857-865); Plínio-o-Moço, *Epist.* 7, 27 (p. 879- 888); Vincent de Beauvais (p. 889-898).

Por fim, uma longa “*Tabula gratulatoria*”, de quatro cerradas páginas, assinada por quantos quiseram estar presentes nesta homenagem.

A concluir esta fastidiosa, mas profícua lista de artigos que, pela excelência dos seus autores e amplitude e variedade dos temas, é um verdadeiro mosaico cultural – que pode interessar a uma ampla diversidade de leitores e especialistas em distintos domínios – não resisto a transcrever um trecho que inicia um dos artigos, que bem poderia ser assinado por todos quantos prestam esta homenagem ao insigne professor e investigador, neste volume: «Al profesor Tomas González Rolán, como él bien sabe, debo muchas cosas, todas ellas beneficiosas para mi, pero sobre todo lo que más le debo es que siempre las hizo sin esperar nada a cambio, por pura honestidad y sentido de la justicia. En un mundo, y una época, en los que en todo subyace un interes personal, esta actitud merece todo mi reconocimiento» (p. 643).

Falta acrescentar ainda que teve como seu o lema de vida que o Humanista Julio Pompónio Leto tentava explicar a Rodrigo Sánchez Arévalo, seu carcereiro na prisão papal de Sant’Angelo (p. 16-17): a sua paixão pelas Letras tinha obscurecido ao longo da sua vida qualquer ambição de fama, glória ou riqueza, *Nulla re moueor nisi litterarum appetitu, qui profundus, immensus, insatiabilis ita est ut non tantum me incitet sed obruat.*

Pelo seu valor intrínseco, esta Miscelânea dedicada a Tomás González Rolán, *Viro, docto, sodali*, dirige-se não só a especialistas, como a todos quantos se interessem pela Literatura, pela História das Ideias, pela Cultura

Clássica e sua recepção, pela Música, pelas Artes cénicas, pela cultura, em geral.

NAIR CASTRO SOARES  
Universidade de Coimbra  
ncastrosoares@gmail.com  
[http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718\\_67\\_12](http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_12)

BEATO AMADEU, *Nova Apocalipse*, D. Lucas Dias introdução, tradução e notas; D. Lucas Dias, A. Espírito Santo, S. Tavares de Pinho ed. crítica e fixação do texto latino, Portugaliae Monumenta Neolatina Vol. XIV, Imprensa da universidade de Coimbra, ISBN 978-989-26-0715-3, 633 pp.

Beato Amadeu, nascido D. João Menezes da Silva numa das famílias nobres de maior prestígio no Portugal da dinastia de Avis, é porventura menos conhecido em Portugal e Espanha do que a sua irmã, Santa Beatriz da Silva, fundadora da Ordem da Imaculada Conceição em Toledo após uma curta passagem na corte espanhola enquanto dama de companhia de D. Isabel de Portugal, Rainha de Castela e Leão e mãe de Isabel a Católica, instituto religioso contemplativo desde 1489, com casas na Europa e na América, e que em Portugal tem especial culto em Campo Maior, terra do seu nascimento. Assim não acontece em Espanha e, sobretudo, em Itália, lugares em que Beato Amadeu desenvolveu uma vida de piedade e de contemplação religiosa depois de curtas passagens pela sedução mundana das cortes portuguesas e castelhana. Tal como a sua irmã, foi o carisma e a espiritualidade franciscanos que o seduziram, embora a fundação a que deu origem, a dos Franciscanos Amadeístas, ao contrário da instituição sua irmã, que perdura, tenha sido reunida na ordem dos frades menores observantes pelo Papa S. Pio V em 1568. O filho mais novo do Alcaide de Rio Maior D. Rui Menezes da Silva passou dez anos enquanto monge jeronimiano no mosteiro de Guadalupe antes de se tornar irmão secular franciscano em Úbeda em 1452, tendo sido ordenado em 1459. Gozando de grande popularidade entre o povo devido às suas capacidades taumatúrgicas, viveu em Assis, Génova, Perusia, Florença, Bréscia, Roma, até fixar residência no convento de S. Francisco de Milão. A sua popularidade e obra beneficiaram da sua amizade com a família Sforza de Milão e com o Papa Sisto IV, também ele franciscano, que o escolhe para seu confessor.